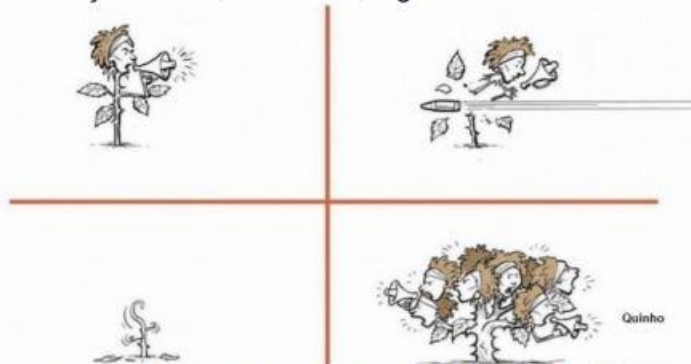


Questão 04

4. O texto a seguir, publicado junto com a *charge* abaixo, foi escrito em homenagem a Marielle Franco, mulher negra, da favela, socióloga, vereadora do Rio de Janeiro. Defensora dos Direitos Humanos, Marielle foi morta a tiros no dia 14 de março de 2018, no Estácio, região central da cidade.



O luto por Marielle me conduz ao poema *A flor e a náusea* de Carlos Drummond, cada dia mais atual, nos lembrando que “o tempo não chegou de completa justiça. O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera”. Ele pergunta: “Posso, sem armas, revoltar-me?”. O inimigo está com a faca, o queijo, os fuzis e as balas na mão, o que aumenta nosso sentimento de impotência. Drummond me mostra a flor furando “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” e, dessa forma, “me salvo e dou a poucos uma esperança mínima”. A poesia, território onde os assassinos não entram, tem esse poder milagroso de colocar ao nosso alcance a arma da razão com muita munição de esperança.

(Adaptado de José Ribamar Bessa Freire, “Uma toada para Marielle: a flor que fura o asfalto”. A charge de Quinho foi encontrada na internet pelo autor da crônica. Disponível em <http://www.taquiprati.com.br/cronica/1387-uma-toada-para-marielle-a-flor-que-fura-o-asfalto>. Acessado em 03/09/2018.)

- a) Segundo o dicionário Michaelis, “estar com a faca e o queijo na mão” significa “ter poder amplo e irrestrito”. Como isso aparece no trecho da crônica e na *charge*?
- b) Como a ideia de “munição de esperança” está expressa na *charge* e no poema citado?

RESPOSTA

a) Ao mencionar que o inimigo está com a faca e o queijo na mão, o autor expõe a fragilidade das minorias frente aos desmandos dos poderosos. Entretanto a definição do dicionário Michaelis (poder amplo e irrestrito) também se aplica fortemente à poesia, armando com a razão e fazendo com que as vozes multipliquem-se, tal qual a *charge* demonstra.

b) A *charge* trata como munição de esperança aquela que faz brotar – e multiplicar – as vozes que se levantam contra os desmandos. No poema, por sua vez, a referida expressão vem, através da poesia, como oposição às armas e suas munições letais, uma vez que segundo o autor, a poesia é um território fechado aos assassinos.